

# O USO DO CONCEITO DE GOZO EM PSICANÁLISE NOS ESTUDOS DOS LAÇOS SOCIAIS

Roseli Maria Rodella de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Universidade Federal de Sergipe – UFS

rrodella@gmail.com

O propósito deste artigo é caracterizar o uso do conceito de gozo em estudos psicanalíticos sobre cultura e sociedade. Este estudo se torna relevante quando constatamos, no âmbito de nossa pesquisa de mestrado inscrita no campo da psicologia social, que o conceito de gozo, eminentemente laciano, é utilizado de formas diversas nas análises dos laços sociais pelos autores da psicanálise, sem relacioná-lo a uma modalidade específica da teorização laciana sobre o gozo.

Recorreremos aos textos de Calligaris (1986a, 1986b, 1991, 1993) e Zizek (2006, 2008a, 2008b) tendo em vista que os mesmos se utilizam deste conceito em seus estudos sobre o funcionamento de fenômenos sociais marcados pela violência, tais como as diferentes formas de totalitarismos, nazismo e fascismo e de racismos. Utilizaram-no também na análise de outros laços sociais, como por exemplo, a comunidade militar e a Igreja Católica, guardando as devidas proporções na comparação quanto à gravidade e crueldade dos fenômenos. Além desses autores, Costa (1991) e Peixoto Junior (1999) também serão consultados como auxiliares para entendimento da utilização que se faz do conceito de gozo.

Vejamos, então, como empregaram o conceito de gozo nos laços sociais.

## 1 Usos do conceito de gozo por Contardo Calligaris

Calligaris, a partir de uma explicação que inclui o conceito de gozo, realizou uma análise sobre o fenômeno do nazismo onde identificou o que chamou de *montagem perversa* que se estrutura na sociedade. Em sua tese de doutorado (CALLIGARIS, 1993) concebeu a perversão como laço social dissociando-a do seu caráter sexual analisando-a por meio do fenômeno do nazismo, especificamente da participação dos adeptos ao nazismo, através do que chamou a “paixão de ser instrumento”.

É necessário sublinharmos que a hipótese de Calligaris (1986) sobre o nazismo é ampliada para outros laços associativos: “que a vida não seria possível sem a montagem perversa” (Ibd., p. 16) e considera “que a paixão da instrumentalidade é o ordinário da vida social, a sua inércia natural” (CALLIGARIS, 1991, p. 115). Mas faz questão de enfatizar que, nesses laços, não se trata de um desvio sexual. Não podemos deixar de ressaltar uma preocupação do autor com o critério moral, que embasou por muito tempo as formulações sobre a perversão, vista como desvio da norma sexual, inclusive para a psiquiatria. Apesar dessa significação é preciso lembrar que muito tempo antes, em 1905, Freud (1974a) já apontava o caráter perverso da sexualidade infantil, abrindo espaço para a discussão sobre a perversão em outras bases que não as derivadas do caráter normativo e patológico.

Para o autor os laços sociais cotidianos seriam passíveis de uma montagem perversa e suas elucidaciones sobre esse fenômeno, em que inclui o conceito de gozo, podem ser estendidas a tais laços. Por esse motivo iremos realizar uma explanação de suas teses sobre a *montagem perversa* e a *paixão da instrumentalidade*.

Para o Calligaris “a grande maioria das pessoas que entra num sistema totalitário é tomada em uma montagem perversa” (1986a, p. 16). Aqui precisamos introduzir, a título de esclarecimento, que o autor faz uma diferença entre perversão e montagem perversa que é

uma condição posta para a neurose. Portanto, não há alusão à perversão como estrutura clínica. Quando o autor realiza estudos sobre a abordagem das perversões em uma perspectiva social podemos dizer que contraria as análises sobre a perversão que comumente são realizadas sob a ótica da clínica.

Segundo Calligaris (1991), a paixão da instrumentalidade é propiciada pela montagem onde um sujeito se transforma em instrumento de um saber que o leva a praticar uma série de crueldades. O neurótico, através da *paixão de ser instrumento de um saber*, pode 'optar' por reduzir a sua própria subjetividade a uma instrumentalidade, para encontrar o alívio que a montagem promete. Ao abandonar sua singularidade o sujeito tampona sua falta, sua castração.

Para Calligaris (1986a), entrar numa montagem perversa significa que o neurótico "sonha em ser perverso [e está] pronto a aceitar quase tudo para aceder à montagem perversa, para chegar a uma modalidade mais tranqüila de gozo [inclusive] até abandonar sua singularidade, ao ponto de aceitar perseguir o gozo do Outro" (p. 14). Observamos que o autor se baseia na afirmação freudiana de que a neurose é o negativo da perversão, ou seja, o neurótico pode colocar em ato sua fantasia perversa masoquista ao participar da montagem perversa.

Podemos também depreender dessas afirmações que Calligaris identifica outra possibilidade de saída para a neurose, que não a via sintomática; uma alteração no seu funcionamento subjetivo através do abandono da singularidade e da possibilidade de uma modalidade mais tranqüila de gozo para o neurótico.

Outro ponto, circunscrito sob a ótica do gozo no fenômeno do nazismo é que "[...] o gozo das pessoas envolvidas [no genocídio nazista] estava na obediência, e não na matança [...]" (CALLIGARIS, 1991, p. 115) e, segundo seus depoimentos, almejavam ser funcionários exemplares, ou seja, esta hipótese nos indica que Calligaris não coloca o gozo no ato perverso. De que ordem é esse gozo da obediência? Vamos tentar esclarecê-lo, agora com a ajuda de Costa.

O referido autor, em seus estudos sobre o funcionamento da burocracia, mais especificamente sobre o que chama de psiquiatria burocrática, opta, tal como Calligaris, pela explicação desse fenômeno através da disponibilidade do neurótico em deixar-se captar pela montagem perversa, que apresenta um aspecto invariável: "a adesão cega e obediente do burocrata aos regulamentos e a assombrosa anestesia diante das necessidades dos indivíduos e do espírito das leis humanas" (COSTA, 1991, p. 47). Calligaris indica a obediência aos regulamentos, mas um regulamento próprio ao funcionamento do nazismo. Portanto, o crime no nazismo é a norma, não é a transgressão. Também Freud (1974c) quando estudou as condutas humanas criminosas assinalou que a ordem é o crime.

Quanto ao gozo do Outro neste tipo de montagem Calligaris (1986a), também como Costa, reparte a montagem perversa em dois lugares, o de saber e o de instrumento, que é o que possibilita o Outro gozar. À primeira vista, parece que a ênfase de Calligaris é no gozo da montagem, o gozo do Outro. É preciso esclarecer que, apesar de alienar sua singularidade a serviço da manutenção do gozo do Outro, o sujeito também goza. É um esclarecimento importante porque aponta para existência de um gozo do sujeito e um gozo do Outro. Logo, o gozo é identificado como do sujeito, o gozo da obediência, que propicia a ele uma modalidade mais tranqüila de gozo e o gozo do Outro.

Calligaris associa gozo a saber. Para o autor é a paixão de ser instrumento de um saber que assegura o gozo do Outro, que significa uma recompensa exorbitante: "[...]. O gozo era de ser tomado numa montagem, na qual, cada um é, ao mesmo tempo, instrumento e saber, e, numa montagem que nada persegue com o gozo do Outro, senão o seu próprio funcionamento" (1986a, p.14-15). De que gozo se trata nessa ordem do saber?

O próprio Calligaris responde nossas indagações, explicando que para ser instrumento do saber “precisa-se [...] usurpar o lugar do pai, ou seja, apropriar-se do saber suposto ao pai” (1986a, p. 12). Em *Totem e tabu*, Freud (1974b), de forma mítica, aborda a constituição do laço social na horda, nos clãs totêmicos e nos grupos fraternais explicando a origem da sociedade a partir de um ato real, o assassinato do pai e um ato simbólico, a internalização da proibição, conforme leitura lacaniana desse mito.

Para Calligaris a paixão é de ser instrumento de um saber suposto ao pai, um saber que o sujeito se apropria para dominar o gozo do Outro e realizar a fantasia, já que “meu ser objetável se torna tolerável porque eu tenho o domínio de seu uso” (Ibid., p. 12). O gozo do sujeito, nos laços é relacionado ao saber do pai que, domando o gozo do Outro, produz uma modalidade mais tranqüila e tolerável de gozo, ‘realizado’ através da fantasia.

Sobre a afirmação ‘modalidade mais tranqüila de gozo’, nos interessa a seguinte colocação de Calligaris (1986b): “[...] o interesse desta montagem é que esconde a face obscena do Outro de que se produz o gozo” (p. 38). Da afirmação depreende-se que o gozo do Outro, obsceno, é ocultado pela montagem. Logo, a montagem colabora para que o neurótico experiencie uma modalidade mais tranqüila de gozo, então, por isso ela se torna possível nos laços sociais a um neurótico que é submetido ao regime da castração, lei que proíbe o gozo.

Calligaris (1993) introduz, a título de suas conclusões, mais um aspecto que nos interessa quanto ao uso que faz do conceito de gozo na relação com o saber. Este aspecto refere-se ao conceito freudiano de supereu que o autor relaciona à cena na montagem nazista: “[...] o que se coloca no lugar da cena é a serviço do supereu materno, realizada graças a um saber que [o] disfarça a serviço de um supereu paterno, fundado em um novo ideal” (p. 542, tradução nossa). Para ele a montagem coloca no lugar da cena um supereu materno que o saber disfarça em supereu paterno, em ideal paterno. O gozo do sujeito, portanto, seria da submissão a esse supereu paterno, idealizado.

Como entender o gozo do supereu paterno? Trata-se do supereu como herdeiro do complexo de Édipo, portanto submetido à lei simbólica, ao Nome do Pai, o gozo fálico, sexual, então, para Lacan? Eis aqui um ponto problemático nas formulações de Calligaris. Se o autor dissocia a perversão do caráter sexual nos laços sociais como, então, entender sua afirmação de que o gozo seria o da submissão ao supereu paterno, o gozo fálico, portanto, sexual.

Quanto ao uso do gozo, compreendemos que Calligaris aponta nos fenômenos sociais uma ‘modalidade mais tranqüila de gozo’ para o sujeito, associa gozo a saber e identifica na montagem o gozo do Outro. Depuramos, também, do uso que o autor faz do gozo nos liames sociais, que o ele privilegia as modalidades de gozo fálico e de gozo do Outro.

## **2 Usos do conceito de gozo por Slavoj Zizek**

Zizek é outro autor que se utiliza do conceito de gozo nas suas explicações sobre o funcionamento dos laços sociais. Vejamos, então, como o emprega.

Em *Arriscar o impossível*, Daly realiza uma entrevista com Zizek e afirma que a categoria de gozo é central no trabalho desse autor (DALY; ZIZEK, 2006). Zizek associa o gozo a uma multiplicidade de níveis da política analisando diversos fenômenos sociais. Ele também associa o gozo aos laços sociais de forma geral, não somente aos laços estabelecidos no regime nazista concordando com Calligaris.

Quanto ao gozo nos laços totalitários Zizek mostra que o totalitarismo exige sacrifícios e “exsudam o mau cheiro do fascínio por uma jouissance obscena letal” (2008a, p.497). O autor afirma ainda que “o totalitarismo depende de certa economia perversa de gozo” (2006, p. 142). Ou seja, tanto Zizek quanto Calligaris associam o gozo à perversão, mas nenhum deles o define como pertencente à estrutura perversa.

Nesse ponto ressaltamos a discordância de Zizek no que diz respeito às teorias que tentam explicar os holocaustos do mundo moderno em termos da lógica sadiana e da idéia kantiana do mal radical.

Quanto à discordância da explicação do nazismo sob a ótica sadiana Zizek afirma: “o nazismo é a perversão máxima da lógica do bem supremo. [...] Ele significa que até os piores crimes devem ser feitos pelo bem supremo da nação” (2006, p. 156-157). Segundo o autor, isto é o oposto a ética sadiana que tem como universo a autonomia radical que “é o puro capricho, sem qualquer norma moral positiva” (Ibid., p. 156). Fica claro que um debate ético-moral nos laços sociais pode ser compreendido a partir dessa afirmação de Zizek.

Em relação à explicação pelo viés kantiano ele objeta as teses de Hannah Arendt<sup>1</sup> quando esta afirma que os funcionários nazistas, tais como Eichmann, cumpriam apenas o seu dever. Para Zizek Kant insiste na “plena autonomia moral do sujeito e [em] sua total responsabilidade “(ZIZEK, 2008b, p. 65). Os carrascos nazistas imputavam a alguma autoridade – grande Outro-, sublinha Zizek, a causa dos seus atos, negavam o genocídio, ignoravam a existência do holocausto como forma de eximir-se das responsabilidades desses atos. Para Zizek eles eram funcionários de modo perverso, enfatizando, então, o modo de funcionamento perverso e o gozo perverso. Se o neurótico precisa da montagem para submeter-se ao Outro é para que possa atuar seu gozo sem ter que se responsabilizar por ele.

Zizek destaca que o positivo da tese sobre a banalidade do mal exposta por Arendt é que ela exclui a idéia de que os nazistas eram esse tipo de “heróicos heróis cinematográficos do mal” (2006, p. 157), pois eram pessoas banais comuns. O entendimento problemático da tese de Arendt, para Zizek, é a idéia de que foi um puro mal burocrático com os indivíduos cumprindo seu dever. Portanto, podemos entender que não se trata, para Zizek, nesse tipo de laço, do gozo da obediência, pois os nazistas sabiam “secretamente, que os rituais do dever eram uma faz-de-conta para disfarçar o gozo derivado de fazer algo medonho” (p. Ibid., 158) e “mas que eram funcionários de modo perverso” (Ibid., p. 158). Por conseguinte, a ênfase é no gozo perverso e a obediência servia para encobrir o gozo derivado do seu ato perverso.

Sobre o gozo nos laços nazistas Zizek expõe ainda: “o prazer provém da tensão entre a atividade instrumental puramente performativa e a maneira obscena secreta pela qual é desfrutada [além de acrescentar que] todas as burocracias e rituais requintados do poder [também fazem] parte dessa economia obscena do gozo” (DALY; ZIZEK, 2006, 158). Sua ênfase é no gozo obsceno e secreto, estando em concordância com Calligaris para quem a montagem perversa esconde a face obscena do gozo do Outro.

Zizek diz que Kant e Sade foram além da estrutura direta da moral e seu avesso superegóico que é, para ele, a base do funcionamento do nazismo afirmando que “a lógica do holocausto inscreve-se, antes, na tensão entre lei, lei moral e seu supereu obsceno por baixo” (DALY; ZIZEK, 2006). Zizek introduziu o supereu para explicação do funcionamento dos laços nazistas, como Calligaris, mas ambos estão se referindo ao mesmo aspecto do supereu? Para Zizek a relação lei e supereu obsceno é fundamental neste tipo de laço social. A ênfase de Calligaris é no gozo da submissão ao supereu paterno e, vejamos então, se é do supereu paterno que se trata também para Zizek.

A utilização, por Zizek, do conceito de gozo nos laços sociais está principalmente relacionada ao supereu freudiano. No entanto, se o autor os relaciona é porque Lacan (1982) também já os havia associado quando afirma: “O supereu é o imperativo do gozo: Goza!” (p. 11) portanto, a compreensão do uso do supereu nos laços sociais se faz pertinente para esta pesquisa.

---

<sup>1</sup> Hannah Arendt (2000) cunha a expressão “banalidade do mal” a partir da cobertura jornalística que fez do julgamento de Adolf Eichmann. Nesse livro revela que o nazista era não um monstro que praticou o extermínio dos judeus, mas alguém terrivelmente normal que agia como um burocrata.

Outro aspecto do uso do conceito de gozo em Zizek que muito nos interessa foi melhor compreendido a partir dos estudos de Peixoto Junior (1999) os quais nos apontam que, para Zizek, estas transgressões da lei seriam inerentes à ordem social, funcionando inclusive como condição de sua estabilidade. Para Zizek a perversão também funciona como

[...] atitude social construtiva: posso então me permitir condutas ilícitas, torturar e até mesmo matar para proteger a lei e a ordem. Esta perversão sustenta-se sobre uma clivagem do campo da Lei em duas vertentes: a lei como ideal do ego, a ordem simbólica que rege a vida social de forma pacífica, e seu avesso obsceno, superegóico e violento. [...] (Ibid., p. 294.).

A partir da afirmação de Zizek podemos dizer também que o gozo superegóico, obsceno, é inerente à manutenção dos laços sociais? Também se faz necessário enfatizar que, para o autor, a violência é intrínseca ao funcionamento da vida social, a partir da clivagem da lei na sua vertente superegóica violenta. Logo, também podemos aproximar gozo e violência.

Zizek, citado por Peixoto Júnior (1999), ao introduzir a categoria do gozo chega a afirmar que o gozo específico de uma comunidade é o que mantém os laços sociais: “a identificação com a forma específica da transgressão da lei, de sua suspensão (em termos psicanalíticos, com a forma de gozo específico da comunidade)” (Ibid., p.294).

Então, no nível das ideologias e das estruturas normativas opera-se um gozo obsceno, mas silenciado, oculto, que faz parte desse tipo de laço. Se, para o autor, o que mantém os laços sociais é o gozo específico de uma comunidade sob a forma de identificação com a transgressão da lei, podemos abstrair dessa afirmação que o gozo é agregador possibilitando a coesão grupal. Calligaris (1986a) também se pergunta se a perversão não é o laço social por excelência, a partir da noção de laço em Lacan. Como compreender essas formulações à luz do Mal-estar na cultura e do conceito de pulsão de morte, desagregador dos laços sociais?

No seu livro mais recente (2008a), Zizek retoma essa temática de forma mais esclarecedora:

Embora viole as regras explícitas da comunidade, esse código representa o espírito da comunidade em seu aspecto mais puro, e exerce uma forte pressão sobre os indivíduos para que encenem a identificação com o grupo. Em termos derridianos, em contraste com a Lei inscrita explícita, esse código superegóico obsceno é essencialmente falado. Embora a Lei explícita seja sustentada pelo pai morto enquanto autoridade simbólica (o “Nome do Pai”), o código não escrito é sustentado pelo complemento espectral do Nome-do-Pai, o espectro obsceno do “pai primordial” freudiano [...] o gozo-pai obsceno não subordinado a nenhuma lei simbólica, o Mestre total que ousa enfrentar cara a cara o Real do gozo aterrorizante (Ibid., p. 481-82).

As regras implícitas que mantém a comunidade, o gozo específico da comunidade, é associado ao supereu. Portanto, do gozo de que se trata nos liames, para Zizek, é o gozo-pai obsceno não subordinado à lei simbólica.

Zizek (2008a) ilustra esse tipo de estrutura normativa através do funcionamento da comunidade militar que, para se sustentar, tem que se pautar por regras não escritas, que devem permanecer silenciadas; tais regras têm sempre uma dimensão obscena, toleram o ato ilegal, transgressor e, ao mesmo tempo, reafirmam a coesão do grupo. Na mesma série de práticas subterrâneas obscenas que sustentam o edifício ideológico ele cita ainda as torturas a iraquianos na prisão de Abu Ghraib e o “sinistro enigma do comportamento do Vaticano diante dos nazistas” (Ibid., p. 480), além do funcionamento da Opus Dei na atualidade, onde existem regras obscenas não inscritas.

Portanto, quanto à empregabilidade do conceito de gozo para Zizek podemos afirmar que a categoria de gozo é central em suas formulações sobre os laços sociais. O autor aproxima os laços nazistas de outros laços quando aponta a presença, em ambos, de certa economia perversa de gozo. Zizek enfatiza a jouissance obscena e secreta em todos os níveis da estrutura social, depreendendo-a através do totalitarismo, do nazismo, das burocracias e dos rituais do poder.

Enfim, para Zizek o gozo do supereu é, principalmente, o que afeta o funcionamento dos laços sociais e o gozo do Outro também faz parte do funcionamento dos laços sociais.

### 3 Considerações a respeito do uso do conceito de gozo

Ambos os autores, Calligaris e Zizek, ampliaram suas formulações sobre o nazismo para outros laços sociais, ou seja, enfatizaram, nestes, uma economia perversa de gozo. Mas ambos os autores concordam que não se trata do gozo da perversão como estrutura. Freud (1974a) ao colocar a perversão polimorfa na base do funcionamento psíquico demonstra que a perversão faz parte da economia psíquica dos indivíduos que participam dos laços sociais e estes podem atuar sua fantasia perversa no funcionamento coletivo.

Para Calligaris o gozo é 'possível' para o neurótico porque a montagem, através da paixão de ser instrumento de um saber, propicia uma modalidade mais tranquila de gozo para ele. Já Zizek diz que o gozo não é proibido para a neurose porque está apenas velado para que o neurótico possa atuar sua perversão.

Calligaris enfatiza, na atividade instrumental, propiciada pelos laços nazistas e burocráticos, o gozo da obediência enquanto Zizek sublinha que o desempenho dos papéis burocráticos, os rituais do dever, servem apenas para velar o gozo do sujeito, perverso e obscuro. A ênfase de Calligaris é no gozo do Outro, a montagem, para ele, persegue o gozo do Outro. Já para Zizek, a montagem serve para encobrir o gozo obscuro do supereu.

Para Zizek, o gozo também é agregador por ocorrer uma identificação com a transgressão da lei e Calligaris, nesse sentido, também se pergunta se a perversão é o laço social por excelência.

No uso que os autores fazem do conceito de gozo destacamos um debate ético-moral sobre a violência e sobre a lei e a transgressão, em torno da conduta de um grupo social ou de uma sociedade. Apontamos, portanto, um vínculo entre gozo e saber, gozo e lei e gozo e violência.

Pensamos que, então, a partir da empregabilidade do conceito de gozo nos fenômenos sociais nos autores pesquisados podemos prosseguir aprofundando nossa pesquisa, a partir das modalidades de gozo fálico, do gozo do Outro e de gozo do supereu.

### REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. Editora Companhia das Letras, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. **Perversão: um laço social?** Introdução a uma clínica psicanalítica. Trad. Antonio F.B. de Castro Dreyer, Denise M. de Oliveira Lima, Solange Le Magueresse de Mattos e Ubirajara P. Cardoso. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986a.

\_\_\_\_\_. O laço social, sua produção e a psicanálise. In: **Che voi?** Ano I, nº 1, Inverno. Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986b.

\_\_\_\_\_. Sedução totalitária. In: ARAGÃO, Luiz Tarlei de; et al. **Clínica do social:** ensaios. São Paulo: Escuta, 1991.

\_\_\_\_\_. **Recherche sur la perversion comme pathologie sociale:** La passion de l'instrumentalité, tese de doutorado Nouveau Régime en Lettres et Sciences Humaines, Université Aix-Marseille I, 1993, inédita.

COSTA, Jurandir Freire. *Psiquiatria burocrática: duas ou três coisas que sei dela*. In: ARAGÃO, Luiz Tarlei de; et al. **Clínica do social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991.

DALY, Glyn; ZIZEK, Slavoj. **Arriscar o impossível: conversas com Zizek**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard brasileira da obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1905-1974a, VII v.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1913-1974b, XIII v.

\_\_\_\_\_. **Criminosos em consequência de um sentimento de culpa**. Rio de Janeiro: Imago, 1916-1974c, XIV v.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1972-73 impresso 1982

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Pós-fácio. In: **Dicionário de psicanálise: Freud & Lacan**. 1. Salvador, BA: Ágalma, 1994.

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008a, 507p.

\_\_\_\_\_. Não existe grande Outro. In: **CULT – Revista Brasileira de Cultura**. Editora Bregantini: São Paulo, 2008b, 66 p.